

TEXTOS MEMORIALÍSTICOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: NARRATIVA DE PROFESSORES

Adrienne Ogêda Guedes¹
Iduina Montalverne Chaves²

Introdução

O campo da formação docente e as questões nele imbricadas, tem sido nosso foco de interesse como pesquisadoras. Aqui, nesse trabalho, colocamos em cena algumas experiências formativas que temos desenvolvido como professoras de professoras e professores em formação, em turmas de graduação em Pedagogia e pós-graduação em Educação. Daremos destaque ao trabalho com textos de cunho memorialístico. Reconhecemos que as obras de cunho memorialístico e/ou autobiográficas podem trazer memórias não apenas autobiográficas, mas também, potencializar as reflexões sobre vários aspectos ligados aos processos educativos, estimulando a reflexão, análise e crítica de temas relacionados à formação e abrir caminhos para outros escritos. Mais do que ponto de partida, o próprio processo de produção e leitura de textos, dessa natureza, possibilita a quem o produz acessar seus conhecimentos prévios a cerca do tema em pauta, bem como aprofundar reflexões iniciais.

Apresentaremos pequenos trechos das narrativas de estudantes (de turmas de graduação, dos anos 2014 e 2015), com o objetivo de explicitar as bases teóricas que fundamentam o como desvelar e o quanto os desdobramentos de nossos trabalhos com esses tipos de textos têm nos dado a chance de ampliar a proximidade com nossos estudantes, estreitando também os laços entre distintos espaços formativos – universidade, escola, família – e refletir sobre a potência dos mesmos. Como formadoras de professores nos interessa apreender de que modo o trabalho com os textos memorialísticos tem mobilizado nossos estudantes no sentido de se constituírem mais e mais autores de suas próprias formações, bem como estabelecerem com a leitura e a escrita uma relação também de autoria. A língua é pensada por nós em sua riqueza de revelar, desvelar, permitir que venha à tona aquilo que quem escreve (e quem lê) quer dar a ver, quer expressar de verdade.

Por fim, tendo em vista o prazer e a riqueza trazidos por esse tipo de trabalho no cotidiano, julgamos ser um caminho interessante para o campo da formação docente. Fica o convite para essa possibilidade.

Textos memorialísticos: um mergulho na autoreflexão

*Devolver à experiência o lugar que merece na
aprendizagem dos conhecimentos necessários à
existência (pessoal, social e profissional) passa pela
constatação de que o sujeito constrói o seu saber
ativamente ao longo de seu percurso de vida.
Ninguém se contenta em receber o saber, como se ele
fosse trazido do exterior pelos que detêm os seus
segredos formais. A noção de experiência mobiliza
uma pedagogia interativa e dialógica.
(Pierre Dominicé)*

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro/Brasil. E-mail: adrienne.ogeda@gmail.com.

² Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói/RJ, Brasil. E-mail: iduina@globocom.com.

Pierre Dominicé (1990) destaca aspectos relativos à construção de saber que mobilizam a experiência pessoal, a interação e o diálogo. Os estudos referentes ao construtivismo e ao sócio construtivismo abordam esse tema. Quando se trata de formarmos professores, nem sempre nos colocamos essa perspectiva. Porém, sabemos hoje, tendo em vista as pesquisas acerca do saber do professor (Freire, (1996), Tardif, (2002) Nóvoa, (1992) etc.) que o adulto também vive um processo de construção e reconstrução permanente. Para isso, precisa referenciar-se ao conhecimento que possui, cotejá-lo/compará-lo com o novo que se apresenta, buscando construir um sentido próprio para seus estudos e trajetórias. O mestre Paulo Freire (op. cit.) afirmava que o conhecimento só se constrói quando há curiosidade e interesse por parte do aprendiz. Para ele, é preciso que o que aprendemos faça sentido para nossa vida, de outro modo será um conhecimento vazio, que provavelmente cairá no esquecimento.

Refletir sobre o vivido é um exercício do pensamento como um ato de crítica à forma legítima e legitimada de pensar: a experiência de se misturar, envolver, imbricar e se colocar no próprio ato de conhecer. Ao narrarmos nossa história, recuperamos experiências vividas em diferentes espaços e momentos da nossa vida e, o fato de refletirmos sobre elas, buscando um sentido, confere à experiência um significado de construção, uma integração da mesma às nossas referências.

No Brasil, a utilização dos memoriais e/ou escritas autobiográficas nos espaços de formação tem ganhado força nos últimos 20 anos. Beatrice Catani, em seu livro, “A vida e ofício de professores” (1998), apresenta as bases de seu trabalho com escritas narrativas, além de incluir vários relatos de professores com as quais desenvolveu experiências de formação. A autora afirma que a narrativa potencializa a reflexão e, se esta reflexão estiver integrada com uma das formas de *atenção consciente*, é possível intervir na formação do sujeito de maneira mais criativa, conseguindo um melhor conhecimento dos seus recursos e objetivos.

Ao lançar um olhar mais atento e mais profundo sobre seu passado, os professores em formação têm a oportunidade de refazer seus próprios percursos, e a análise dos mesmos tem uma série de desdobramentos que possibilitam a instauração de práticas de formação. Eles podem reavaliar suas práticas e a própria vida profissional ao mesmo tempo, imprimindo novos significados à experiência passada e restabelecendo suas perspectivas futuras.

Textos memorialísticos na formação de professores alfabetizadores: ler e escrever como experiências inspiradores

*O que somos, ou melhor, o sentido do que somos,
depende das histórias que contamos.*
(Jorge Larrosa)

Dentre os textos trabalhados em nossas turmas citamos: “Leitura”, do livro “Infância” de Graciliano Ramos (1995); “Memórias de Leitura e escrita”, artigo de Vitória Líbia Barreto Faria (2004); de Bartolomeu Campos Queirós: “Por parte de pai”, (1995), “Ler, escrever e fazer conta de cabeça”(2004) e “Vermelho amargo”(2011); de João Ubaldo: “Memória de livros” crônica de “Um brasileiro em Berlim” do João Ubaldo (2011); e, “Meus desacontecimentos, a história da minha vida com as palavras” de Eliane Brum (2014). Um cardápio variado de excelentes autores, dentre outros também adotados, com experiências bem distintas. Sem a pretensão de esgotar as múltiplas possibilidades de leitura dessas obras, destacamos um ou outro aspecto que pode favorecer às relações entre as experiências dos autores e os estudos sobre alfabetização, leitura e escrita.

O primeiro, de Graciliano Ramos, traz a infância do autor, contextualizada no início do século XX. Nascido no sertão de Alagoas e filho de Sebastião Ramos de Oliveira, um comerciante retratado nesse mesmo livro como um “ "Um homem sério, de testa larga [...], dentes fortes, queixo rijo, fala tremenda; uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza [...], olhos maus que em momentos de cólera se inflamavam com um brilho de loucura" (1995, página 13). A experiência de aprender a ler foi marcada por uma severidade contundente. Palmatória ao lado, cartilha a ser decorada. Ler, para seu pai e primeiro professor – sem sucesso no ensino – era atividade que conferiria ao jovem aprendiz status social. Ler era ser mais próximo das referências e personalidades respeitadas como o cônego da cidade ou o advogado proeminente. Acreditava o pai que por meio da repetição e da punição ao erro, Graciliano menino aprenderia a ler. No entanto, as estratégias didáticas só conseguiram produzir suores, medo e uma leitura claudicante e insegura.

(...) E o côvado me batia nas mãos. Ao avizinhar-me dos pontos perigosos, tinha o coração desarranjado num desmaio, a garganta seca, a vista escura, e no burburinho que me enchia os ouvidos a reclamação áspera avultava.(Ramos, op. cit., página 98)

Além da beleza do texto e da capacidade de nos fazer sentir seus suores e terrores diante das durezas dos momentos de leitura vividos pelo autor, a leitura desse texto permite compreender as concepções de ensino e aprendizagem que orientavam as escolhas de Sebastião. O pai de fato acreditava que suas escolhas resultariam em aprendizado.

Faria (2004) traz suas memórias de infância, contextualizada nos anos 1940-50 em uma cidade interiorana e os rituais de leitura promovidos pelo seu pai que congregavam crianças de várias idades em torno da leitura.

Todas as noites, após o jantar, meu pai se deitava na rede e, aos poucos, todos nós, aprendizes de leitura, vínhamos chegando. Lembro-me de que, inicialmente, eram três, depois foram chegando os demais, até constituirmos um grupo de sete pessoas, incluindo o mais experiente. Sempre havia alguns que não sabiam ainda ler convencionalmente, outros que já liam fluentemente e alguns que liam ainda com certa dificuldade. Essa heterogeneidade não impedia nenhum de nós de participar ativamente dos atos de leitura. O desejo de decifrar aquilo que os livros diziam e de ser admitido no mundo da leitura misturava-se com a admiração pela figura paterna.

[...] O conhecimento prévio construído em minha história de leitora e escritora sequer era reconhecido pela instituição que frequentei. O que importava era o alfabeto, a cópia de letras e sílabas isoladas que iam sendo apresentadas pela professora no blocão e reproduzidas em nossos cadernos ou repetidas em voz alta por meio de um jogral destituído de sentido. Tudo isso não tinha a menor importância para mim que já sabia há muito tempo para que a escrita servia e qual a sua utilidade real em minha vida. (Faria, p. 50-53)

A partir da leitura dos textos feita de diferentes formas, compartilhada, com marcações coletivas, os estudantes foram provocados a pensar sobre os sentidos da leitura e da escrita para cada um dos autores em pauta. E mais, como suas experiências permitem compreender as concepções de ensino e aprendizagem ali presentes. Provocaram, também, que cada um revolvesse seu próprio baú de memórias e compartilhasse com o grupo. Dessa experiência, lançamos a proposta de produção textual de um texto memorialístico, que após ser entregue e lido em pequenos grupos na sala, volta às mãos do autor com sugestões de ampliações,

estreitamento de diálogos e outros movimentos formativos. Instigamos, também, a explorarem seus estilos de escrita, ao exemplo dos autores lidos. O importante, acreditamos, é que possam exercitar-se como escritores autorais, que tem uma história para contar e um jeito próprio de fazê-lo. Esses textos, escritos pelos estudantes, acabam por trazer à tona belos relatos. Alguns trechos em destaque:

Helena, “O q vem depois do z?”

Aos 12 anos, ainda distanciada da literatura por não ser estimulada da forma correta e pelas leituras obrigatórias da escola que não eram as mais desejáveis por mim, enfrentava um conflito interno, pois queria gostar de ler, pegar livros enormes, saber contar as histórias, compartilhar ideais e não conseguia, qualquer livro que eu começasse a ler não terminava. Até que a professora de literatura sugeriu a leitura do livro “Isso ninguém me tira” de Ana Maria Machado e eu me apaixonei pela história.

Este livro conta a história de dois adolescentes apaixonados que lutam para ficar juntos, pode parecer a princípio um romance, uma simples confusão de sentimentos do adolecer, porém o livro “vai provocar discussão, por a prova valores, desejos...” como afirma Ana logo no início do livro. Senti-me realizada e feliz ao conseguir terminar um livro e ainda lê-lo cinco vezes. Era um livro certo na minha mochila toda vez que viajava.

Desde então iniciou-se um processo de descobertas e paixões pela leitura na minha vida. Não vou dizer que leio muitos livros, livros enormes, mas tenho lido cada vez mais e tenho me sentido bem por isso. Uma dedicação, um gosto e um desejo de ampliar meus horizontes e minha criatividade. Tenho também me esforçado para escrever, a escrita tem sido um desabafo, um refugio para expressar minhas angustias. Amadureci e estou cada vez mais evoluindo com esse processo, ler e escrever é autoconhecimento, é se reinventar, é aprendizado, é estimular a criatividade, poder ser quem somos e o que quisermos ser.

Hoje, relatando esta história vejo que mal sabia eu que depois do Z havia muitas complexidades e que a leitura e a escrita me traria tantos benefícios, me apresentaria tantas culturas, me faria entender a minha identidade. Depois do Z estava sim outro mundo, um mundo o qual ainda estou pouco a pouco a conhecer.

“Relações” - Bia

Mas sendo bem honesta agora a situação mudou mesmo com nove anos! Na capa do livro havia um menino montado em uma vassoura tentando apanhar uma bolinha amarela alada. O livro já havia passado pela leitura da minha irmã vinte anos mais velha que eu, e pela leitura da minha mãe, trinta e nove anos mais velha que eu. Ambas amaram e não havia um encontro cujo o assunto leitura surgisse que as duas não deixassem escapar o quão bom era aquele tal de Harry Potter. Sucumbi aos apelos e tentei começar a ler, desisti. Aquele livro parecia infinito! E a minha distração e hiperatividade não me permitam ler mais de duas páginas por dia. Já depois de apaixonada pelos filmes me propus o desafio de ler todos os livros até então lançados da série. O interessante nessa história, eu creio, o fato de que eu não fiquei só fã dos livros, dos filmes e dos personagens. Eu agora era fã de uma escritora! Comecei a achar fantásticos a 485^{da} de escrever o que eu bem quisesse e comecei a fazê-lo.

Com a adolescência vieram os problemas de auto aceitação, auto estima, amigos, pressões. Minha psicóloga me sugeriu que eu escrevesse para exorcizar o que me afligia.

“O papel aceita tudo, não te julga e só mantém um silencio de compreensão”, dizia ela.

Refletir sobre as escolhas metodológicas que traçamos, permitiu pensar nos diferentes caminhos possíveis para formação do leitor e do escritor. Nessas experiências, está nossa crença no mergulho na experiência. Encontro que mobiliza sentidos, amplia compreensões sobre os distintos modos de se constituir leitor e um convite a novos voos no campo da leitura e da escrita.

Referências

BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos, a história da minha vida com as palavras**. São Paulo: Leya, 2014.

Dominicé, Pierre. **L'histoire de vie comme processus de formation**. Paris: Édition L'Harmattan, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Pedro; DAUSTER, Tânia (Org.). **Teia de autores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004

LIBIA, Vitória. Memórias de leitura e Educação Infantil. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para formação do leitor**. São Paulo: DCI, 2004.

NÓVOA, Antonio (Coord.). **Os professores e sua formação**. Portugal: Editora Codex, 1992.

QUEIRÓZ, Bartolomeu Campos. **Por parte de pai**. Belo Horizonte: RHJ, 1995.

QUEIRÓZ, Bartolomeu Campos. **Ler, escrever e fazer conta de cabeça**. São Paulo: Global, 2004.

QUEIRÓZ, Bartolomeu C. **Vermelho Amargo**. SP: Cosac Naif, 2011.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Um brasileiro em Berlim**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.